

A política externa feminista da Suécia, a NATO e Erdogan

José Pedro Teixeira Fernandes | *Público* | 28 de Junho de 2022

1. Em política externa, seria difícil um contraste mais agudo do que o existente entre a Suécia e a Rússia e Turquia, os seus vizinhos belicosos do leste e sul. A explicação é de natureza geopolítica. Todavia, é também mais profunda e complexa do que isso. As divergências geopolíticas são amplificadas por visões do mundo e valores radicalmente diferentes. Num caso, temos um Estado (a Suécia) que rompeu com o seu passado de grande potência conquistadora (até inícios do século XVII) e se afastou dos modelos sociais tradicionais. No outro caso, há Estados herdeiros de grandes impérios que perduraram até inícios do século XX — o Império Russo e o Império Otomano — onde persiste uma vontade de continuidade. Nestes últimos, a ambição é geopolítica, mas transcende-a também. Existe um intuito de projectar no século XXI valores e instituições de outrora. Em oposição, a Suécia está impregnada de ideais e valores de transformação social e política que rejeitam o passado. Nas palavras do Governo sueco, as quais se podem ler no [Manual de Política Externa Feminista da Suécia](#), foi “o primeiro país do mundo a adoptar uma política externa feminista.”

2. A Suécia vê-se a si própria como [uma “superpotência humanitária”](#). Criou uma política externa que reflecte o cosmopolitismo humanitário das Nações Unidas, especialmente a [Resolução 1325 do Conselho de Segurança de 31/10/2000](#). Nesse documento, foi reconhecido o impacto desproporcionalmente negativo que a guerra tem sobre as mulheres. Ao mesmo tempo, foi apontada a importância da promoção da igualdade de género nos processos de construção da paz e da segurança como forma de diminuir a violência dos conflitos. Foi esse também um [argumento usado pela ministra dos Negócios Estrangeiros Margot Wallström](#) (2014-2019), a primeira governante do Partido Social Democrata a implementar essa política, em 2014, articulando-a com a ideia de *soft power* (do académico e político norte-americano, Joseph Nye). A política externa feminista da Suécia tinha também a suportá-la a neutralidade (as alianças militares eram rejeitadas) e a promoção da democracia e dos direitos humanos no mundo (vistos como cosmopolitas e globais). Com a sua [política externa feminista iria confrontar a agressão da Rússia Vladimir Putin, quando esta anexou a Crimeia em 2014](#), usando os velhos métodos da *realpolitik* e da força militar.

3. [A “guerra é a continuação da política externa por outros meios”](#), na memorável frase do general do prussiano Carl von Clausewitz. Uma visão do mundo clausewitziana e do século XIX, foi o que a Rússia mostrou quando invadiu a Ucrânia em 24 de Fevereiro. O contraste não poderia ser mais flagrante com a já referida visão cosmopolita, humanitária e de igualdade de género do Governo sueco da primeira-ministra, Magdalena Andersson, e da sua ministra dos Negócios Estrangeiros, Ann Linde. (Antíteses feministas do nacionalismo viril de Vladimir Putin e de Serguei Lavrov, o truculento ministro dos Negócios Estrangeiros da Rússia). Mas sob o efeito do choque provocado pela invasão da Ucrânia, a Suécia rompeu com a tradição

de neutralidade. Pediu a adesão à NATO — um pacto de defesa militar com origem na Guerra Fria —, procurando a protecção do [artigo 5.º do Tratado de Washington](#), em particular do poder militar dos EUA. Para além do óbvio (o abandono da neutralidade), para enfrentar a gravidade da ameaça teve se desviar da linha de política externa [preconizada pelas teóricas feministas ocidentais das Relações Internacionais \(Cynthia Enloe e outras\)](#) e no [soft power de Joseph Nye](#), de inspiração liberal. Quanto à Rússia, que vive num mundo paralelo, continuou a dar motivos de apreensão securitária à Suécia. Na sua acção político-militar, [Vladimir Putin assumiu-se como inspirado no czar Pedro, o Grande](#), o fundador de São Petersburgo num território conquistado à Suécia na Grande Guerra do Norte (1700-1721). Para Putin, Pedro, o Grande não fez uma guerra de conquista, apenas recuperou territórios seculares de eslavos. [À actual geração de russos caberia a tarefa de “recuperar e fortalecer” a Rússia](#). A referência, ainda que velada, a territórios históricos do Estado russo no Donbass, na Crimeia e noutras partes do leste e sul da Ucrânia (bem como à vontade de os recuperar pela força), causou indignação e receio.

4. Não é só a Rússia que atormenta a política externa feminista da Suécia, fazendo-a aterrar em sobressalto no mundo da geopolítica. Também a Turquia de Recep Tayyip Erdoğan mortifica a Suécia (e a Finlândia). É outro Estado que se revê na grandiosidade imperial do passado. Os territórios que fizeram [parte do Império Otomano, dos Balcãs \(Grécia incluída\) ao Médio Oriente e Norte de África \(Síria, Iraque, Líbia e outros\), são a sua esfera de influência](#). Recep Tayyip Erdoğan criticou o Tratado de Lausana de 1923 — que reconheceu a República da Turquia como Estado sucessor do Império Otomano — por deixar populações turcófonas no exterior, no norte do Iraque, na Síria e noutros antigos territórios do império. O ressentimento de Recep Tayyip Erdoğan pelo fim imposto pelo Ocidente do Império Otomano é similar ao de Vladimir Putin pelo colapso da União Soviética, quando afirmou que essa foi a [“maior catástrofe geopolítica do século XX”](#) deixando milhões de russos fora da Federação Russa. Mas há outras similitudes. Após o ateísmo forçado da era soviética, a Igreja Ortodoxa — uma das instituições estruturantes do Estado russo no seu longo passado —, regressou em força a um lugar de proximidade com o poder político. Houve um inequívoco [apoio do Patriarca Cirilo ao Governo de Vladimir Putin na invasão da Ucrânia](#). Similarmente, na Turquia, existe uma crescente proximidade entre o Estado e a religião tradicional (o Islão sunita). Recep Tayyip Erdoğan desmantelou a estrutura secular imposta por Mustafa Kemal Atatürk e tem a [ambição de recriar um grande Estado muçulmano inspirado no Império Otomano](#). A recente [conversão da Hagia Sophia em mesquita replica o feito do sultão Mehmed II, quando conquistou Constantinopla em 1453](#). É mais do que simbólica, apontando um caminho onde o passado imperial islâmico é o modelo do futuro. Assim, o confronto de Recep Tayyip Erdoğan com a Suécia, obstaculizando a sua pretensão de entrada na NATO, é complexo e multifacetado. As divergências ligadas à questão curda têm um papel central no conflito. Para além delas, há um choque de duas políticas externas impregnadas de valores radicalmente diferentes, onde cada um dos protagonistas está convencido da sua superioridade moral absoluta.

5. Quem cedeu neste choque de políticas externas (e de valores)? A Suécia parecia estar na posição mais frágil. Sendo a adesão à NATO feita por consenso, necessitava de afastar a obstrução da Turquia. [A situação é irónica tendo em conta o apoio reiterado da Suécia à adesão da Turquia à União Europeia](#), mesmo após o autoritarismo de Recep Tayyip Erdoğan se ter tornado demasiado evidente (mostrou ingenuidade política, ou má leitura da realidade). A tarefa era espinhosa pois punha em causa a essência da sua política externa e valores. No actual [Parlamento sueco, há seis deputados de ascendência curda](#), três dos quais eleitos pelo Partido Social Democrata que governa o país. Para a Turquia, o generoso acolhimento e integração de populações curdas não é um caso de humanitarismo e de uma virtuosa política externa feminista. É a prova de que a Suécia acolhe terroristas, especialmente se os curdos tiverem algum tipo de ligações ao Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) e à sua ramificação na Síria (YPG). As exigências da Turquia — que envolviam, entre outras coisas, a [extradição de curdos aos quais a Suécia deu asilo](#) — chocaram com um país que construiu a imagem de “superpotência humanitária”. Mas o secretário-Geral da NATO, Jens Stoltenberg, afirmou que [as “preocupações da Turquia com a segurança são legítimas”](#), no que parece ser uma concessão diplomática às reivindicações de Erdoğan. Se a Rússia é uma séria ameaça geopolítica à segurança da Suécia, a Turquia, com aquilo que exigiu para a deixar aderir a Suécia (e a Finlândia) à NATO, ameaça fazer ruir a sua política externa feminista e os seus alicerces de potência moral.

<https://www.publico.pt/2022/06/28/mundo/analise/politica-externa-feminista-suecia-nato-erdogan-2011767>